



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

O EXPANSIONISMO CATÓLICO E EUROPEU NA DÉCADA DE 1890 NO INTERIOR AFRICANO

Jefferson Olivatto da Silva
PPGCS-UNESP-Marília
Fundação Araucária

Introdução

Diante dos tratados políticos sobre os territórios africanos, a igreja católica romana inseriu-se como participante diplomática e impôs, naturalmente, sua inclusão nos novos territórios. Mesmo sabendo da presença de outros cristãos ela negociou com os poderes coloniais o direito de encaminhar seus missionários que, com o tempo, pela representação diplomática dos Pro-Vicariatos, comandou a localização de postos missionários em concordância com a administração colonial à distância entre espaços católicos e reformistas. OS Pro-Vicariatos tinham a função de provisoriamente estabelecer territórios católicos, sob o aspecto de zona de influência; isto é, um território ocupado parcialmente por esparsos postos missionários; depois era atribuído a esses territórios o desdobramento em Vicariatos até serem uma diocese autônoma.

Para atuar no Novo Mundo, a igreja católica romana instituiu a Congregação para a Evangelização dos Povos, mais conhecida por Sagrada Congregação da Propagação da Fé, - termo moderno para *Congregatio pro Gentium Evangelisatione* -, responsável pela evangelização missionária e por atividades religiosas em países não católicos. Em 1622, o papa Gregório XV, em face à Reforma Protestante, cria esse setor para apoiar o catolicismo e assuntos eclesiásticos em países não católicos, pela bula papal *Inscrutabili Divinae* (RENAULT, 1992). Esse setor contava com quatro ramificações para as questões missionárias específicas, ou Sociedades Pontifícias Missionárias: Propaganda da Fé, criado em 1822, em Lion na França; São Pedro Apóstolo, em 1889, na França; Santa Infância, 1843, Nancy, França; União Missionária, em 1916, para as missões em igrejas locais. A criação da Congregação esteve relacionada com o avanço do domínio das coroas neerlandesas, inglesas e alemãs, - reformistas -, nas colônias americanas, africanas e asiáticas.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Em 1622, após a morte do papa Gregório XV, a *Propaganda Fide* teve seu poder acentuado, pois um de seus 13 membros, Cardeal Barberini, foi eleito novo papa, Urbano VIII, e estabeleceu um colégio para missionários e uma imprensa poliglota para divulgar o catecismo em vulgata, por meio da bula *Immortalis Dei*, em 1627. A abrangência e o poder da *Propaganda Fide* puderam ser percebidos pela presença católica em todos os territórios e colônias reformistas, islâmicas, ou de qualquer outra dominação religiosa não católica; também em territórios de ritos católicos ortodoxos. As novas explorações do globo reativou o apelo à ciência universalista. Para o benefício das missões foi criado o Colégio Urbano e o surgimento de outros institutos pelo Velho Mundo, que respondessem à expansão do domínio católico em territórios hostis. Nesse sentido, o pedido de Lavigerie aos superiores nos seminários, “me façam santos”, correspondia à exigência de práticas universais romanas, e consciente do que isso significaria para o primordialismo católico, ele complementava por sua ênfase “que eu farei deles mártires”, sinal de bravura e heroísmo correspondente à perspectiva europeia do modo de lidar com o desconhecido ou indesejado, a fronteira com a alteridade que o missionário católico teria a sua frente. Esse era o prelúdio do que iria acontecer aos missionários na África: mortes por assassinatos dos guias das caravanas e líderes nativos e por condições insalubres (doenças, fome, feras e moradia) a que estavam expostos, além das disputas esperadas contra os *infidèles* pagãos, reformistas ou muçulmanos (INSTRUCTIONS DE SES ÉMINNENCE LE CARDINAL LAVIGERIE A SES MISSIONNAIRES, 1927). (aqui usaremos IL para se referir a essa obra)

Associados ao primordialismo cristão, vemos surgir o humanismo como movimento filosófico, que a princípio buscava se distanciar das práticas religiosas, mas que, por sua proximidade entre agentes religiosos e intelectuais, significou uma correspondência à enunciação performática. O humanismo se constituiu em um valioso instrumento da modernidade, filosófico e juridicamente, na exploração das colônias por discursos de civilizar e cristianizar para retirá-los da selvageria e da barbárie. Oriundo do antropocentrismo renascentista, o humanismo mantinha o *leitmotiv* do ocidente, pressupunha que a discussão e crítica aberta, a busca de consenso e a primazia da liberdade do pensamento correspondiam à fé humana de que justiça, igualdade, racionalidade, moderação e amor dissolveriam todos os conflitos (MARITAIN, 1965).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A igreja romana considerou o ideal de um reino cristão na África, pois se a sociedade corrompia a alma da humanidade, lá em estado primário haveria a chance de não ser corrompido.

Para o fundador dos Missionários da África ou *Pères Blancs*, Cardeal Charles Lavigerie, o catolicismo romano deveria ser reproduzido segundo sua estrutura hierárquica e vinculativa. A confecção de dicionários bilíngues e gramáticas possibilitou aos Missionários da África se tornarem referências históricas, antropológicas e linguísticas de BaBemba, de acordo com categorias romanas, e converteu aquilo que antes fora descrito nos relatos exploratórios de Gamitto, Serpa Pinto, Lacerda e Livingstone, em um estado de sociedade primitiva ou de selvageria.

A postura missionária que selecionava práticas em uma tentativa de aproximação entre semelhantes, distinta da de um explorador ou agente colonial, caracterizou a formação missionária conforme a análise sociológica sobre as instituições de Erving Goffman (1987), em *Asylum*, a partir da tradição católica ser mais que das instituições escolares descritas por Bourdieu (1989, 1992). O vínculo externo dos internados e dos superiores determinava uma rotina austera e hierárquica que nos obriga a uma análise sobre a manutenção de fronteiras culturais, entre laico e eclesiástico, em um dos componentes que delinearão a produção de um agente *ecclesiasticus*. Esse resultado era obtido, no século XIX, em uma instituição religiosa a formação que restringia todas as ações de seu interno e dirigentes a um papel único (padre, irmão e irmã); segundo, suas escolhas deveriam ser realizadas sob o auspício da instituição, e não por um caráter individual; e, terceiro, mas não o menos importante, todas as realizações eram coordenadas sobre uma rede de vigilância contínua que enaltecia a obediência em um *circulus methodicus*, que incorporada em esquemas operatórios era reproduzida e percebida em todos seus agenciamentos (BOURDIEU, 1992). Poderíamos compreender que, em meio a familiaridade com as exigências institucionais, o agente *ecclesiasticus* teria no caráter indicial da fronteira, o que não lhe era permitido ou fazia parte do mundo externo ou dos infiéis, pelas ações católicas, a manifestação do que Manuela Carneiro da Cunha chamou de cultura com aspas: “ ‘cultura’ tem a propriedade de uma metalinguagem: é uma noção reflexiva que de certo modo fala de si mesma” (2009, p. 356).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Charles Lavigerie (IL, 1927) dirigiu-se a seus missionários da oitava caravana, em 23 de junho de 1889, para enfatizar o sacrifício do trabalho católico para a construção do reino cristão e exigir ações de martírio, sinal de verdadeiro heroísmo para seus agentes e dos africanos, em relação aos *infidèles* ou tiranos, a renúncia ao plano terreno para ser beneficiados pela situação de filho de deus. Esse tipo de sacrifício, isto é, dentro de um determinado contexto religioso resultante de obediência, e interpretada para a construção do reino cristão na África, exemplificou de que maneira tais esquemas definiriam a identidade dos Missionários da África no contato com as populações africanas.

A relação intercultural, ou busca por aproximações de convergências simbólicas, deve ser subsumida do contexto (pré-)colonial: diminuição da troca de armas e munição por escravos vendidos aos árabes, perda de territórios pela ocupação europeia (de missionários e agentes coloniais), trabalhos forçados em carregamentos de mercadorias, perda de súditos e de esposas para trabalharem com europeus e missionários, instituições para crianças e jovens libertados do comércio escravagista, entre outros. Nesse sentido, o espaço antes dominado por grupos BaBemba, Mambwe, Lala, Twa em na virada do século XIX para XX pertenciam aos europeus, e os missionários além de europeus tinham o apoio do exército colonial para legitimar sua presença. As circunstâncias pré-coloniais demonstravam a vulnerabilidade social africana na resistência contra o poder bélico-político da *British South Africa Company* (BSAC). Não obstante, a adesão aos agrupamentos católicos não designou uma desistência às práticas nativas, mas uma maneira de agrupar interesses de sobrevivência e comerciais. Lembramos que aspectos culturais relativos a casamentos, sucessão de chefes, preparo da comida, iniciação feminina que, por mais que tenham os missionários e os agentes coloniais as desprezado publicamente, mantiveram-se ativas entre os nativos. Embora em muitos casos as práticas tradicionais podiam ser desprezadas por chefes convertidos e/ou catequistas (HANNECART, 1991).

No convívio com os europeus das empresas, coletores de impostos e exploradores, isto é, com aqueles que se sobrepunham aos chefes locais em variadas questões, o desprezo a sua vida social e cultural era incorporado a um marco da alteridade da relação com o branco. Ilustrativamente, Richard Burton, no capítulo XIII,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

de seu *The Lake regions of Central African Lakes*, de 1859, partilhava a subestimação a tudo o que não fosse europeu por corroborar a noção já expressada pelo médico Livingstone, que por causa do calor, trópicos, a temperatura do sangue dos nativos prejudicava sua capacidade cognitiva.

Esses encontros com seus diferentes motivos devem ser entendidos conforme a relação que ocorria. Novos esquemas operatórios, ordenando eventos em um tempo remoto e distante - (pois se referia ao mundo vivido e narrado pelo estrangeiro) -, podia modificar a concepção do convertido africano sobre causas e efeitos relacionados a eventos próximos e distantes mediante a insistência de novas relações de poder (*bwana*, termo genérico banto para o tratamento da autoridade masculina, aos anciãos e chefes, agora remanejado aos europeus e missionários). A autoridade na qualidade de traço fundamente da vida social redirecionada aos missionários passava a implicar em uma nova concepção espaciotemporal, direcionada à conversão por traços culturais específicos. Pelas estratégias de conversão (novenas, missas, casamentos, batismos, acolhimento de órfãos e catecismos), as ações missionárias se sobrepuseram às práticas sociais: agora eram filhos de deus, filhos de Maria e mesmo ignorantes de seus pecados Jesus havia morrido por causa deles, o Papa que estava distante era pela figura dos missionários a presença divina de deus entre eles, uma morte que significava a passagem para um tempo e local onde não era dominado pelos antepassados mas por essa nova divindade, surgimento de grupos com a perpetuação dessa nova cultura (RANGER, 1975).

No contato entre grupos distintos esses esquemas eram percebidos por alguns sinais que se destacavam em suas relações, dizia sobre o catolicismo de uma determinada maneira que os capacitavam a identificar quem pertencia aos *Aroma* (atributo de pertencimento a uma população: *Azande*, *Amambwe* e *Awemba*; embora para os Bemba seria BaBemba) ou a outro *muzungu* (homem branco). Entretanto, entre grupos culturais similares que partilharam disposições culturais, - caso este dos grupos migratórios que em sua história eram descendentes do império Lunda-Luba (Kazembe, Bemba, Maravi, Undi) -, caracterizaram um *continuum* sociocultural que as trocas simbólicas não significavam perda ou alienação, ou mesmo distinção relevante mas *logique métisses* (AMSELLE, 1999), mas que, contrário a uma posição funcionalista,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

as adscrições que o africano remetia a seu grupo refletia sinais diacríticos que o conectava ao enaltecimento de uma gênese coletiva e comum às populações bantas austrais: a história migratória do Império Lunda-Luba que, em seu cerne, reproduzia outras histórias sudaneses de formações coletivas a partir de casamentos entre irmãos (RICHARDS, 1982).

Para efetivar territorialidades em que poucos elementos puderam ser mediados, foi necessária uma reconstituição em larga escala da concepção local de acordo com os novos parâmetros estrangeiros. Falamos então de dominação e sobreposição para caracterizar eventos sociais pelos quais aspectos estrangeiros transpassavam diferentes níveis e manifestações cotidianas, ocorridos durante a colonização africana (BHABHA, 2007; SPIVAK, 2010). Frente ao encontro entre culturas locais e europeias, se de imediato se tentou, a política colonial de administração indireta preservou características de chefes ou líderes, isso não deixou de ser uma estratégia para reproduzir o poder imperial que se refletia pela submissão dos chefes locais. Mas de imediato a questão era ideológica e não cultural, o interesse era político para fazer valer tratados de zona de influência ou protetorado (DURHAM, 2004); já que, até a primeira década de 1910, a BSAC não tinha um programa de prospecção de minérios na região (ROBERTS, 1975; RANGER, 1975).

Os sinais diacríticos, portanto, podem ser percebidos na estruturação da cultural-eclesiástica dos Missionários da África por: dependência ao papado romano, os árabes e o islamismo presente durante o colonialismo e que direcionaria sua formação religiosa e de posicionamento filosófico-diplomático humanista dos tratados estabelecido pelas políticas coloniais. É a reprodução do poder católico que possibilitou aos missionários fixarem-se no interior da África, com territórios sem fronteiras com outras religiões, mas que se sobrepunha aos mapas do interior da África. Após negociações diplomáticas com as coroas, não fazia fronteira com outras religiões, cristãs ou muçulmanas, mas circunscrevia-se sobre um desenho limpo, vistos pelos mapas eclesiásticos. Tal foi a facilidade com que, a princípio, os missionários de Lavignerie efetivaram a territorialidade católica. Quando eles chegaram ao norte da Zâmbia, os indivíduos se aproximaram e se converteram por diferentes motivos: chefes a procura de súditos para o trabalho nos vilarejos e procura de trabalho, cuidados com órfãos de guerra e de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

escravidão, proteção contra populações vizinhas e feras e curas de doença. A eficácia de assimilação dessa nova cultura pelos africanos correspondia aos apelos africanos por esquemas operatórios ocidentais: ações humanitárias para cristianizar. (MPONDA-MAMBWE DIARY, 1994).

Processos Identitários

A história de formação do catolicismo do século XIX manteve alguns de seus esquemas operatórios históricos: a concepção de igreja Una, Santa, Católica e Universal, oriunda do Credo Niceno-Constantinopolitano, 325 e 381, respectivamente, e adesão de *filioque* (Jesus com a mesma natureza de deus pai) no I Concílio de Toledo (329); o vínculo hierárquico ao papado; Legitimidade pelo conjunto de leis romanas: Concílios, Lei Canônica, Encíclicas, Bulas, etc. (FLINN, 2007). Em seu histórico institucional, dois eventos foram cruciais para o fundador dos Missionários da África: o encontro com o *motto* expansionista de Daniel Comboni: “A evangelização da África pelos africanos” e, segundo, a importância da espiritualidade dos jesuítas com o objetivo de formar uma comunidade missionária que fosse sempre internacional (de nacionalidades diferentes). Ambos os eventos na formação dos missionários de Charles Lavigerie fomentaram sinais diacríticos no interior da tradição romana. Charles Lavigerie (IL, 1927) descrevia de que maneira o missionário deveria mediar o processo de conversão, por ex., aprender as línguas locais e construir dicionários bilíngues e gramáticas vernáculas. Em suas cartas, procurou reforçar essas práticas e cobrar abertamente de seus missionários práticas que correspondessem a suas diretrizes. Nesse sentido, torna-se rotina usar o uso do francês, ou outra língua, que não fosse a local nas comunidades.

Com a chegada dos missionários ao sul do Lago Tanganyika, em 1891, e entre o reino dos BaBemba, que resistiam à submissão colonial, foram as práticas missionárias católicas que reconduziram a reconfiguração do norte da Zâmbia.

Essa região foi retomada da coroa portuguesa pelos britânicos por intermédio das explorações encomendadas para o médico missionário David Livingstone, que já havia tido experiências exploratórias na Índia (RENAULT, 1992; ROBERTS, 1975). Portugal conseguiu manter as regiões costeiras de Moçambique e Angola, foi



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

conquistada pela *British South Africa Company* (BSAC) que tinha em sua presidência Cecil Rhodes, detentora da exploração mineral e de força de trabalho da África do Sul, Botsuana, Zimbábue, Malawi e Zâmbia.

A eficácia das ações desse grupo católico ocorria à medida que era adaptado o ideal paulino frisado por Charles Lavigerie (*Tous a tous!*) em suas instruções às circunstâncias vividas por seus missionários no encontro com as populações do interior. Lavigerie tinha acesso às divulgações feitas pelos exploradores na Europa, das negociações diplomáticas entre as coroas e o papado e, particularmente, dos relatos que seus missionários lhe enviavam dos postos africanos. Por isso, sempre frisava a eles que: primeiro, escrevessem cartas sempre que possível para o manter informado sobre o projeto expansionista, e, segundo, que os missionários não eram exploradores, mas apóstolos, qual seja, enviados para converter os africanos (IL, 1927)

Pelos diários podemos observar de que forma as ações tomadas pelos missionários se configuravam em signos identitários. Embora devamos enfatizar que houvesse uma preocupação constante para que essas ações tivessem a legitimação do catolicismo romano e não de forma autônoma. Esse fator determina a constituição expansionista e imperial da tradição católica que se difere do expansionismo protestante e reformista. Esse argumento corrobora a observação de que dentre as práticas católicas é possível haver a criação de diferentes ordens e grupos vinculados à legitimação do papado, enquanto para os grupos protestantes ou reformistas havia o incentivo do ideal iluminista e de autonomia para a formação de grupos religiosos independentes. Para ilustrar a evangelização na Zâmbia, por intermédio principalmente dos reformistas holandeses, *boers*, escoceses e anglicanos surgiram outras associações cristãs que se agregaram, posteriormente, na *United Church of Zambia* e *Reformed Church of Zambia*. E no caso católico a multiplicação da presença católica foi pela replicação social de ordens religiosas masculinas e femininas vinculados e legitimados por Roma.

Para corroborar essa vinculação, observamos os recursos missionários que desenharam o catolicismo africano: nova temporalidade para trabalho, orações, alimentação, aulas/catecismos, uso de orações que se repetiam (a Jesus, ao Coração de Jesus, São José, Nossa Senhora, em francês, latim e *Chibemba*, língua da população Bemba); obediência irrestrita à hierarquia católica, mas não aos chefes locais. Os



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

motivos para a remoção de um missionário para outra região representava os objetivos circunstanciais à expansão e à ocupação territorial na disputa contra os reformistas, para assumir a liderança de novos postos no interior do grupo, ou até se fosse percebido que a presença de um missionário deixava de estar vinculado, irrestritamente, ao domínio hierárquico e político do catolicismo, com certa autonomia. Esse foi o caso do Monsenhor Dupont que respondeu pela mediação, ou causador, da submissão dos BaBemba à coroa britânica, mas que por se atribuir caracterizar por uma suposta sucessão desejado pelo falecido *Chitimukulu*, chefe supremo Bemba, gerou disputas com Mackinnon, autoridade colonial, e outros descontentamentos entre seus subalternos de regiões afastadas, o substituto de Charles Lavigerie, Mgr. Livinhac, o afastou da Zâmbia (SHORTER, 2006).

Alteridade

Para demonstrar a concepção cultural eclesiástica, alguns traços culturais se tornam mais evidentes que outros e tem o efeito de criar uma distinção em relação a outros grupos, um poder de fazer grupos por tais diferenças aos católicos: pagão, infiel e reformistas.

A construção do africano, ou pela forma descrita por Lavigerie, *indigène*, por meio de descrições ou inferências justificava a noção totalizante da missão africana: os que eram católicos e os que não eram. É sobre tal perspectiva que o fundador escreveu e prescreveu a postura missionária:

Ame a África que está distante de nós, por suas veias sangrentas de sua escravidão, por seu grito de dor que se levanta do mais profundo de seus séculos; a África que está tão perto e que foi cristã outrora, por seus infortúnios passados, por seus grandes homens, por seus santos. (OC, 1884 [2008]) (Tradução nossa)

Embora houvesse um anseio de que o *indigène* perdesse sua cultura para incorporar a católica, o que ocorreu foi mais a incorporação de esquemas operatórios estrangeiros que teceria outro *continuum* pelo qual o africano iria, por uma disposição mais ou menos consciente, fazer uso em diferentes espaços sociais.

Enquanto direcionamento consciente, isto é, intencional, eram fundamentais as



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

ações de obediência às tradições hierárquicas e o vínculo a elas, que se fundiam sobre a noção da caridade paulina: “*Je me suis fait tous a tous!*” (BÍBLIA SAGRADA, 1Cor, 9,22). Lidar com tal exigência diária, durante a formação eclesial, atrelava a prática missionária africana à tradição expansionista católica.

A partir de 1874, manteve o esforço formativo por encontros com seus missionários a cada dois anos, momento chamado de Capítulo Geral. Charles Lavigerie enfatizava o espírito de seu grupo para lidar com a diferença cultural entre os *confrères* e no trato com as populações africanas (IL, 1927): “*Il n’y a pas ni juif, ni grec, tous vous ne faites qu’un dans le christ*”, versículo bíblico que Lavigerie usava para exortar seus agentes a minimizarem suas diferenças “terrenas”.

Lavigerie, em suas cartas aos Membros dos Conselhos, em 1878, e depois ao Vigário Geral, padre Birroux, em 1883 e 1883, queixava-se quanto às mudanças das ações católicas, que a seu ver, eram manifestações negativas por parte de seus missionários. Apontou que era um contrassenso católico, um pecado inaceitável por parte de seus missionários, ter hábitos de fumar, beber bebidas alcoólicas, caçar, não seguir os rituais em todo seu formalismo e não se trajar como um padre católico, obrigando-os a usar o hábito, chapéu eclesial e gandourra. Mesmo o Conselho Superior dos Missionários da África não se apregoaram a essas questões, irritou Lavigerie pela adoção de novas práticas católicas na África.

Por conta das disputas europeias, Lavigerie recomendava a seus missionários que fossem prudentes. Na região do lago Tanganyika, para o fundador, as potências que trariam alguma dificuldade seriam os belgas no Congo Independente e os alemães na ocupação do leste do lago. Estrategicamente neutros, seus missionários poderiam ser desejados em qualquer território, no auxílio ao discurso civilizatório europeu. Todavia, o principal inimigo com quem deveriam ter atenção redobrada, por conta de riscos de morte, era o árabe: ““o verdadeiro inimigo são os árabes. Cautela ao confiar neles, mas também de provocá-los e de se expor a seus rancores, pois eles são os mais fortes ” (IML/76, p. 268) [Tradução nossa].

Territorialidade

Concebemos a territorialidade por esquemas culturais reproduzidos em um



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

determinado espaço social que fazia referência ao catolicismo. Em termos gerais, essa catolicidade pode ser observada de duas maneiras: o fiel ou agente, pela incorporação dos atributos católicos, agia sem notar essa reprodução de forma natural, chamado de culturas sem aspas ou *habitus*; e se ela fosse um instrumento ou bem simbólico para determinar a fronteira com outros grupos, - cultura com aspas -, por seu caráter de reflexibilidade e ênfase em sinais diacríticos como representativos do grupo.

Os postos missionários congregavam a sedimentação das relações sociais a partir de signos identitários liderados pelos católicos. Também não podemos esquecer que havia a disputa pelo domínio simbólico entre as coroas britânica e portuguesa, as autoridades coloniais da BSAC e da ALC, e de Hermann von Wissman (comissário do império alemão) para as empresas alemãs, missionários cristãos não católicos, árabes e muçulmanos e chefes Bemba. Cada Vicariato conquistado por Charles Lavigerie em Roma representava um moeda para negociar diplomaticamente entre os impérios e as autoridades coloniais a presença de seu grupo missionário (RENAULT, 1992).

Deve ser considerado que ao observar e analisar as ações missionárias de acordo com a territorialidade o atributo religioso de católico e missionário está estreitado aos processos identitários, como humildade, obediência hierárquica e saúde/santificação das almas, pedido feito de Lavigerie ao mestre de noviciato, padre Viven (IL, 1927). A formação do missionário, por exemplo, o preparava para postos missionários, constituídos ou não, em qualquer região da África que tivessem permissão para expandir. Ser missionário, nesses termos, designava que o agente *ecclesiasticus* executasse uma ação que deveria ser reconhecida, e aprendida pelos africanos, em sua catolicidade. Esta ação, de outra forma, objetivava um catolicismo praticado em determinados ambientes e momentos. Os missionários respondiam pela expansão na África e os neófitos africanos sua manutenção e reprodução *in situ*, na função de futuros agentes ou catequistas.

Em 1891, esse poder expansionista pouco representava para os africanos. Porém, aos poucos, os próprios chefes Bemba perceberam que a presença desses europeus causaria disputa pelo domínio da população ou, de outra forma, certa proteção contra o poder colonial ou uma forma de vencer ou submeter outros chefes. Assim ora se aproximavam com o interesse de procurar auxílio ora os rechaçavam para não ter seu



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

poder diminuído. Um dos exemplos que nesse período ocorreu, no Distrito de Kalungwishi, ao sudoeste do Lago Tanganyika, ocasionado pelo chefe Luali, pois após abandonarem o posto da Estrada Stevenson, pelo caráter de transitoriedade dos africanos que compunham as caravanas da ALC, dirigiram-se para essa região que pertencia ao território Bemba. O diarista descreveu entre o período de 1901 a 1903 as várias manobras de esse chefe tentar fazer com que as autoridades coloniais restringissem o poder dos missionários, com a proibição de indivíduos de seu vilarejo o deixarem para se fixarem aos postos católicos (KALUNGWISHI DIARY, 2004).

Os postos missionários geralmente estavam em regiões sem qualquer infraestrutura ou mesmo populações. A partir do momento que os missionários tinham permissão para ocupar algum ponto, eles se assentavam provisoriamente e exploraram toda a localidade para verificar onde poderiam estar mais próximos a aquíferos e vilarejos populosos. Depois de definidos os locais para uma estadia mais permanente, indivíduos originários de diferentes regiões passavam a se aglomerar ao redor dos missionários para fugir de aprisionamentos e ser vendidos, para se refugiar de períodos de estiagem e escassez de comida, contra feras (leões e leopardos), doenças e epidemias, ataques e ocupações de tribos vizinhas, ou contra maus tratos de maridos ou futuros maridos.

A instauração de uma capela, uma escola, ou a presença de catequistas identificavam o poder simbólico (cristão católico e não católico e muçulmano). Essas disputas entre as forças estrangeiras religiosas e comerciais aparecem de forma explícita quando a região pretendida já era ocupada por um “rival. E pela força mantida por este, os missionários católicos tinham que recuar e deixar o local, depois que, alguns dos superiores visitassem e constatassem a veracidade das reclamações. No território Mambwe, a Estrada Stevenson era um local de tráfego comercial das caravanas vindas de diferentes postos do interior da África e que se dirigiam para o Lago Nyassa, em direção à costa Leste. Ali os moradores não permaneciam, pois eram convocados às caravanas para carregar marfim ou suprimentos às autoridades coloniais (GARVEY, 1993). Outro exemplo de não permanência dos missionários fora ou sudeste do Lago Nyassa, em outra rota comercial dominada pelos árabes, em *Kambwiri*. Nesse vilarejo, os árabes estrategicamente com vistas ao domínio do comércio escravagista convenceu



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

os africanos que os isolassem, e após, alguns meses, sem qualquer sucesso de aproximação, os missionários são ordenados pelos superiores a deixar o local (HANNECART, 1991).

Das estratégias de domínio católico na África pelos Missionários da África, a cada nova nomeação sua ou de seus missionários, Lavigerie agregava novas formas de influência na hierarquia e expansão católica: delegado apostólico na África, ou de Charbonnier como Vigário Apostólico da África Equatorial, em 18 de dezembro de 1886 ().

Considerações finais

Um sinal diacrítico católico pode ser a crença monoteísta a Jesus, deus filho, dentre os africanos ou os católico cópticos, o uso de alguns livros como sagrados e outros apócrifos dentre os reformistas, o falar fluentemente uma língua africana entre os outros missionários, a obediência irrestrita às determinações papais entre os reformistas, que incorporados durante a formação eclesiástica do missionário fará parte constituinte ou estruturante de sua ação, *habitus*, uma predisposição de visões de mundo, atitudes, ideais que o faziam se reconhecer e ser reconhecido no caráter de clérigo. Para Bourdieu (1990, p. 130): “sistema de disposições adquiridas na relação com um determinado campo, torna-se eficiente, operante, quando encontra as condições de sua eficácia, isto é, condições idênticas ou análogas àquelas de que ele é produto”. Por esse motivo, Charles Lavigerie, insistia em um determinado tipo de comunidade e que essa o reportasse sobre tudo o que acontecia nas missões africanas (IL, 1927).

Sinais diacríticos surgem de um *continuum* cultural que torna compreensível a comunicação entre populações que partilham de esquemas culturais similares, chamado por Amselle (1999) de lógicas mestiças. Esses esquemas foram responsáveis por disponibilizar por meio do contato intercultural, as marcas de diferenciação de ações ou atributos aceitáveis e não aceitáveis, reorganizando-as de acordo com as prioridades coletivas. A conversão enquanto um processo de inclusão de novos esquemas, em um *continuum* banto, foi possível à medida que esse cotidiano disponibilizou índices (sentimentos, práticas, interesses políticos, pensamentos, imagens ou outras referências) que foram percebidos pelos missionários por seu poder de correspondência simbólica



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

tornada sinal diacrítico, quer assim vista pelos africanos quer posta em evidência pelos missionários. Com a colonização observamos o embate de *continua* distintos (europeu-cristão e banto-arábica) que competiu por relevâncias circunstâncias para a manutenção dos respectivos interesses. Essa negociação fixava-se quanto mais ocorresse, pelo outro grupo, a incorporação de sinais diacríticos e, sem seguida, dos esquemas a que se referiam. Certos de que a colonização teve a força bélica a favor dos europeus e que a submissão dos chefes e de seus súditos africanos foi de subserviência até o extermínio, alguns grupos religiosos, como os Missionários da África, orgulham-se de ser visto por BaBemba por sinais diacríticos de sua identidade. Caso este da mitificação de Mgr. Dupont que se tornou referência da importância dada pelo catolicismo à cultura Bemba.

Ao descrever um evento o missionário oscilava entre duas extremidades discursivas: a descrição e a interpretação. A primeira deve ser compreendida por determinar a situação com poucas inferências ou generalizações, porém sem nos esquecer que os escritos missionários eram seleções de acontecimentos, tanto de inclusão de alguns quanto de exclusão de outros, direcionado a seus superiores. O desconhecimento também permitiu ao missionário inferir por esquemas que coordenavam seu julgamento religioso ações africanas com atributos demoníacos, pecaminosos ou de selvageria. Podemos observar, a seguir, a postura do diarista que parte de uma apresentação descritiva até que, ao final, convergisse para uma interpretação totalizante:

Muito barulho no vilarejo. É a respeito da administração de ordálio a um pobre homem que é acusado de algum tipo de crime. Essa é a segunda ou terceira vez desde que estamos aqui que escutamos sobre a abominável *mwavi*. Nesse sentido, os Wamambwe não seriam melhores do que os Yao nesse ponto? Ai, esse diabólico costume existe em toda a África. Somente a religião cristã pode fazê-lo desaparecer.[grifo do autor: *mwavi*: ordálio] (MPONDA-MAMBWE DIARY, 18/10/1891, 1994)

Com o tempo, a incorporação desses eventos em esquemas bantos habilitou o missionário a classificá-los em seu valor de troca simbólica. Essa compreensão implicava retificar seu valor no cenário colonialista e cristão que deslocava os atributos do evento para outro esquema operatório que o remanejaria em sua aceitabilidade. Essa estratégia foi arquitetada para que *Lesá* além de designativo de entidade espiritual



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

deveria fazer parte de um esquema disposto de divindades em hierarquia e sua relação com o plano terreno. Em *The White Father's Bemba-English Dictionary* (1991), feito pelos Missionários da África, o verbete *Lesá* ilustra esse processo de formação identitária banto em um esquema operatório cristão:

Lesá - substantivo. Deus, o Ser Supremo. Ele é adorado, mas nenhum sacrifício é oferecido a Ele... Lesá é aquele que sabe como fazer as coisas. Essas poucas expressões dão uma ideia de qual o valor a Lesá é dado pelos nativos e os diferentes atributos que eles implicam não podem ser aplicados a nenhum dos outros espíritos honrados na teogonia pagã. [Tradução nossa] (p. 323)

O uso de armas era inadmissível para um agente *ecclesiasticus* na Europa, mas nas missões africanas justificava-se a permissão de posse desde que a serviço da religião e da civilização, salvar almas e corpos de ataques de grupos vizinhos, previsto na Ata de Berlim (GRUNSCHWIG, 2006). Na década de 1890, os missionários haviam se estabelecido na Estrada de Stevenson, que era o trajeto das caravanas de mercadores – marfim e escravos -, e por essa condição um território de invasão sazonal por parte de BaBemba contra BaMambwe. Aqueles não eram cultivadores nem criadores de animais, e no tempo de escassez, por isso próximo à estação das chuvas, de outubro a dezembro, praticavam a pilhagem nas populações circunvizinhas. BaMambwe se refugiavam nos postos dos missionários que os defendiam contra os *wicked BaBemba* (ROBERTS, 1975; MPONDA-MAMBWE DIARY, 1994; GARVEY, 1993). Outrossim, o comércio escravagista era algo a ser combatido por todos os meios, na segunda metade do século XIX, por impérios e instituições europeias. Para enfatizar a mudança de um esquema para outro, por meio de sinais diacríticos, podemos assim explicar: a escravidão era um sinal diacrítico atribuído a ações do comércio árabe com as populações locais, assim comprar ou vender pelos esquemas operatórios europeus e cristãos era anti-humanista e anticristão nesse período; porém, na luta para a salvação dos africanos, sinal diacrítico das ações humanistas e cristãs, era desejado que a compra de humanos, o ato que designa *per se* o comércio escravagista, pelos missionários fosse a ruptura da escravidão.

Referências Bibliográficas



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

- AMSELLE, Jean-Loup. *Logiques métisses*. França, Paris : Payot, 1999.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte : EDUFMG, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- _____. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. *A economia das trocas simbólicas*. 3^a ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BRUNSCHWIG, Henri. *A partilha da África*. 2^a. Ed. Campinas: Perspectiva, 2006.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: Cosacnaify, 2009.
- DURHAM, Eunice Ribeiro. *A dinâmica da cultura*. São Paulo: Cosacnaify, 2004.
- GARVEY, Brian. *Bembaland church: religions and social changes in South Central Africa, 1891 – 1964*. E.U.A., Chicago: Brill Academic Publishers, 1993.
- FLINN, Frank. *Encyclopedia of Catholicism*. EUA, New York: Facts On file, 2007.
- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. 2^a. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- HANNECART, Karel. *Intrepid sowers: from Nyasa to Fort Jameson, 1889-1946*. Itálica, Roma: Historical Departments Archives, 1991.
- KALUNGWISHI DIARY, 1901-1903. Traduzido e anotado por Louis Oger. Zambia, Kasama: Archives Missionaries of Africa, 2004.
- INSTRUCTIONS DE SON ÉMINENCE LE CARDINNAL LAVIGERIE A SES MISSIONNAIRES. Argélia, Argel: Maison-Cairré, 1927.
- MARITAIN, Jacques. *Humanismo integral*. 5a. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1965.
- MPONDA-MAMBWE DIARY – 1891-1895. Traduzido e anotado por Louis Oger. Zambia, Kasama: Archives Missionaries of Africa, 1994.
- RANGER, Terence. *Themes in Christian history of Central Africa*. EUA, California: University of California Press, 1975.
- RENAULT, François. *Le Cardinal Lavigerie, 1825-1892*. França, Paris: Fayard, 1992.
- RICHARDS, Audrey. *Chisungu: Girl's Initiation Ceremony among the Bemba of Zambia*. Inglaterra, Londres: Taylor and Francis, 1982.
- ROBERTS, Andrew D. *A history of the Bemba: political growth and change in north-eastern Zambia before 1900*. Inglaterra, Londres: Longman, 1975.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

SHORTER, Aylward. *Cross and flags in Africa: the White Fathers during the colonial scramble (1892-1914)*. EUA, New York: Orbis, 2006.

SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte : EDUFMG, 2010.

THE WHITE FATHER'S BEMBA-ENGLISH DICTIONARY. Zambia , Ndola : The Society of Missionaries of Africa (WHITE FATHERS), 1991.